



Organizadores

Ana de Staal | Howard B. Levine

Coordenação da edição brasileira

Daniel Kupermann

Com textos de:

Alberto Rocha Barros, Ana de Staal, Antonino Ferro, Bernard Chervet, Christopher Bollas, Daniel Kupermann, Elias Mallet da Rocha Barros, François Lévy, Howard B. Levine, Jean-Jacques Tyszler, Joshua Durban, Michael Rustin, Patricia Cardoso de Mello, Riccardo Lombardi, Serge Frisch, Steven Jaron

PSICANÁLISE

Psicanálise e vida cotidiana

Desamparo coletivo, experiência individual

Blucher

PSICANÁLISE E VIDA COVIDIANA

*Desamparo coletivo,
experiência individual*

Ana de Staal & Howard B. Levine
organização

Alberto Rocha Barros, Ana de Staal, Antonino Ferro,
Bernard Chervet, Christopher Bollas, Daniel Kupermann,
Elias Mallet da Rocha Barros, François Lévy,
Howard B. Levine, Jean-Jacques Tyszler, Joshua Durban,
Michael Rustin, Patricia Cardoso de Mello,
Riccardo Lombardi, Serge Frisch, Steven Jaron

colaboração

Psicanálise e vida covidiana: desamparo coletivo, experiência individual

© 2021 Ana de Staal e Howard B. Levine (orgs.)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Este livro, proposto pelas Éditions d'Ithaque (Paris, França), é publicado simultaneamente pela Editora Blucher (São Paulo, Brasil) e pela Phoenix Publishing House (Oxford, Inglaterra).

Tradução

Para francês e inglês Henrik Carbonnier, Jean-Baptiste Desveaux, Shahar Fineberg, Valentine Leÿs, Mathieu Rigo, Karla Isolda dos Santos Buss, Ana de Staal.

Revisão científica Ana de Staal e Jean-Baptiste Desveaux.

Para português Bartholomeu de Aguiar Vieira, Claudia Berliner, Lucas Charafeddine Bulamah, Gustavo Dean-Gomes, Wilson Franco, Pedro Hikiji Neves, Paula Lapa Lopes Sampaio, Pedro Marky-Sobral, Roberto de Oliveira, Ludmilla Tassano Pitrowsky, Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira.

Revisão científica e coordenação da edição brasileira Daniel Kupermann.

Ilustração da capa Cape Cod Morning, 1950, Edward Hopper (1882-1967), Smithsonian American art Museum, Washington D.C., EUA Photo @SAAM. Dist. RMN-Grand Palais/image SAAM.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Piscanalise e vida covidiana : desamparo coletivo, experiência individual / organização de Ana de Staal, Howard B. Levine. – São Paulo : Blucher, 2021.

398 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-305-9 (impresso)

ISBN 978-65-5506-306-6 (e-book)

1. Psicanálise. 2. Pandemia. 3. Covid-19.
I. Título. II. Staal, Ana de. III. Levine, Howard B.

21-0XXX

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

*A mais antiga e a mais forte emoção humana é o medo, e o medo mais antigo e mais forte é o medo do desconhecido.*¹

— H. P. Lovecraft

*Se há algo certo é que a certeza é um erro.*²

— W. R. Bion

-
- 1 “The oldest and strongest emotion of mankind is fear, and the oldest and strongest kind of fear is fear of the unknown”. Lovecraft, H. P. (1927, 1933–1935). *Supernatural Horror in Literature*. Disponível em: <http://www.yanke-eclassic.com/miskatonic/library/stacks/literature/lovecraft/essays/supernat/supern01.htm>. Último acesso em 19 jan. 2021).
 - 2 “If there is anything which is certain it is that certainty is wrong”. Bion, W. R. (1977). *Bion in New York and Sao Paulo*. F. Bion (Ed.). London: Roland Harris Trust/Clunie, 1980, p. 98.

Conteúdo

Sobre os autores	11
Agradecimentos	17
Nota dos editores	19
<i>Por Ana de Staal e Howard B. Levine</i>	
PARTE I — O pano de fundo/O contexto	25
Os insatisfeitos na civilização	27
<i>Christopher Bollas (Santa Barbara, EUA/Londres, Inglaterra)</i>	
A pandemia da Covid e seus sentidos	53
<i>Michael Rustin (Londres, Inglaterra)</i>	
PARTE II — Viver e pensar em tempos de pandemia	71
A quebra de uma recusa que faz pensar	73
<i>Bernard Chervet (Lyon/Paris, França)</i>	
Paisagens da vida mental sob a Covid-19	103
<i>Alberto Rocha Barros, Elias Mallet da Rocha Barros</i> <i>(São Paulo, Brasil)</i>	
A catástrofe e seus destinos: os negacionismos e o efeito vivificante do “bom ar”	143
<i>Daniel Kupermann (São Paulo, Brasil)</i>	

PARTE III — O <i>setting</i> sob pressão	161
Estar na linha: qual elasticidade e qual invariância para o <i>setting</i> psicanalítico?	163
<i>Antonino Ferro (Pavia, Itália)</i>	
A cabine queimada, ou a psicanálise sem divã	173
<i>Ana de Staal (Paris, França)</i>	
Desamparos individuais, desamparo das instituições psicanalíticas	195
<i>Serge Frisch (Luxemburgo/Bruxelas, Bélgica)</i>	
PARTE IV — Reconfigurações e mudanças na prática	215
Corpo e alma na análise à distância: contratransferência angustiada, pânico pandêmico e limites do espaço-tempo	217
<i>Riccardo Lombardi (Roma, Itália)</i>	
Cortes de energia no processo analítico	243
<i>François Lévy (Paris, França)</i>	
Para além do todo-traumático: a imaginação narrativa e as novas temporalidades da sessão	267
<i>Jean-Jacques Tyszler (Paris, França)</i>	

PARTE V — Diários clínicos	293
Catábase, anábase: o trabalho em pós-UTI da Covid-19 em um hospital público	295
<i>Steven Jaron (Paris, França)</i>	
Onde mora o analista? Sobre o manejo do enquadre na análise on-line de uma menina de três anos com autismo	319
<i>Patricia Cardoso de Mello (São Paulo, Brasil)</i>	
Onde mora a Covid? Ansiedades osmóticas/difusas, isolamento e continência em tempos de peste	349
<i>Joshua Durban (Tel Aviv, Israel)</i>	
PARTE VI — Conclusão	373
Vida covidiana	375
<i>Howard B. Levine (Cambridge, Mass., USA)</i>	

Sobre os autores

Alberto Rocha Barros é psicanalista membro filiado ao Instituto “Durval Marcondes” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e membro-coordenador do Núcleo de Psicanálise do IPq-HCFMUSP. Vive e trabalha em São Paulo.

Ana de Staal é psicanalista e psicossomatista, membro da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF). Ex-chefe de edição da revista *Chimères*, fundada por G. Deleuze e F. Guattari, dirige atualmente a Ithaque, editora parisiense especializada em psicanálise e filosofia. Traduziu e publicou em francês a maior parte dos seminários de W. R. Bion, assim como o trabalho de autores contemporâneos importantes como Christopher Bollas, Thomas Ogden, e André Green. Com Fernando Urribarri e Litza G. Green, é responsável pela publicação das obras póstumas de André Green em francês. Vive e trabalha em Paris.

Antonino Ferro é analista didata e supervisor na *Società Psicoanalitica Italiana*, da qual foi presidente, é membro da *American Psychoanalytic Association* e da *International Psychoanalytic*

Association. É autor de numerosos livros e artigos, traduzidos em diferentes línguas. Suas publicações incluem: *Evitar as emoções, viver as Emoções* (Artmed); *Tormentos de Almas: paixões, sintomas, sonhos*; e *Na Sala de análise: emoções, relatos, transformações* (ambos pela Blucher). É presidente do Centro Psicanalítico de Pavia e ex-presidente da Sociedade Psicanalítica Italiana. Recebeu o Prêmio Sigourney em 2007. Nascido em Palermo, em 1947, vive atualmente em Pavia e mantém um consultório em Pavia e em Milão.

Bernard Chervet é psiquiatra, psicanalista, membro titular formador e ex-presidente da *Société Psychanalytique de Paris* (SPP). É membro do conselho da *International Psychoanalytical Association* (IPA); diretor do *Congrès des Psychanalystes de Langue Française* (CPLF), fundador da SPP-Éditions; participou de mais de 230 publicações e organizou mais de uma dezena de coletâneas. Recebeu o Prêmio Bouvet em 2018. Escreveu o relatório do CPLF de 2009: “O *après-coup*”, e contribuiu com este item no *Dicionário enciclopédico* da IPA. Mora em Lyon, França.

Christopher Bollas é psicanalista, membro honorário do *Institute for Psychoanalytic Training and Research* (IPTAR) em Nova Iorque, da *British Psychoanalytic Society* (BPS) e do Los Angeles Institute and Society for Psychoanalytic Studies (LAISPS). Inspirado pelas contribuições de Winnicott e de Bion mantém-se, no entanto, um pensador ferozmente independente, que foi descrito por André Green como “autônomo”. É autor de uma obra importante, com destaque para os livros *The Shadow of the Object* (1987), *Meaning and Melancholia: Life in the Age of Bewilderment* (2018), e *The Infinite Question* (2009). De nacionalidade americana e britânica, vive e trabalha em Santa Bárbara (EUA) e em Londres.

Daniel Kupermann é psicanalista e professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Atualmente é presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi

e membro do *board* da *International Sándor Ferenczi Network*. É autor de diversos livros e de artigos publicados em francês, inglês, espanhol, italiano e português.

Elias Mallet da Rocha Barros é psicanalista, membro efetivo e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e *fellow* da Sociedade Britânica de Psicanálise (BPS). Vive e trabalha em São Paulo.

François Lévy é psicanalista, vice-presidente da *Société de Psychanalyse Freudienne* (SPF). Antigo secretário do comitê de redação da revista *Les Lettres de la SPF*, é autor de muitos artigos, entre os quais o prefácio francês dos *Séminaires cliniques* de Wilfred R. Bion. Sua obra, *A psicanálise com Wilfred R. Bion* (Blucher, 2021), foi traduzida para várias línguas. Coordena, há mais de vinte anos, um seminário sobre a obra de Bion, espaço de verdadeiras reflexões e trocas. Atende em consultório particular em Paris.

Howard B. Levine é psicanalista, membro da APSA, do PINE, e da *Société freudienne contemporaine*. É professor no Programa de Pós-doutorado do Departamento de Estudos Freudianos da *New York University*. É membro dos conselhos editoriais do *International Journal of Psychoanalysis* e do *Psychoanalytic Inquiry*. Atualmente dirige na editora Routledge uma coleção de ensaios consagrados às pesquisas bionianas. É autor de inúmeros trabalhos sobre técnica psicanalítica e sobre o tratamento de distúrbios da personalidade primitiva. Dentre seus livros destacam-se *On Freud's Screen Memories* (2014); *The Wilfred Bion Tradition* (2016), e *Andre Green Revisited: Representation and the Work of the Negative* (2018). É também autor de *Transformations de l'irreprésentable* (Ithaque, 2019), e de *Between the Silence and the Cry* (Routledge, 2021). Vive e trabalha em Cambridge, Massachusetts.

Jean-Jacques Tyszler é psiquiatra e psicanalista, médico diretor do *Centre médico-psychopédagogique (CMPP) de la Mutuelle générale de l'éducation nationale (MGEN)*, em Paris; ex-presidente da *Association lacanienne internationale (ALI)*; membro da *Fondation européenne pour la psychanalyse (FEP)*, da *École psychanalytique de Sainte-Anne* e da *École de Ville-Évrard* (formação para uma abordagem psicanalítica em psiquiatria). Autor de numerosos artigos publicados em inglês, francês e português, publicou *As metamorfoses do objeto* (Tempo Freudiano, 2011); *As depressões, o luto e a melancolia* (Espaço Moebius, 2017); *À la rencontre de Sigmund Freud* (2013) e *Actualité du fantasme dans la psychanalyse* (2019). Vive e trabalha em Paris.

Joshua Durban é psicanalista didata, professor e supervisor de análises de crianças e adultos na *Israeli Psychoanalytic Society and Institute*, em Jerusalém; é professor da *Sackler School of Medicine* no Programa de psicoterapia da *Tel Aviv University*; atua como psicanalista em consultório particular em Tel Aviv dedicando-se, sobretudo, ao transtorno do espectro autista e às crianças e adultos psicóticos. Foi fundador da *Israeli Psychoanalytic Inter-Disciplinary Forum for the Study of ASD*.

Michael Rustin é professor de sociologia na *University of East London*; professor visitante na *Tavistock Clinic* e associado da *British Psychoanalytical Society*. Escreveu amplamente sobre as interconexões entre psicanálise, sociedade e política, em livros incluindo *The Good Society and the Inner World* (1991) e *Reason and Unreason* (2001). Entre seus livros mais recentes estão *Society Defenses against Anxiety: Explorations in a Paradigm* (editado com David Armstrong, 2015); *Reading Klein* (com Margaret Rustin, 2017), *Researching the Unconscious: Findings from Qualitative Research* (editado com Margaret Rustin, 2019). É editor da *Soundings, a Journal of Politics and Culture*.

Patricia Cardoso de Mello é membro filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Atende adultos e crianças em consultório. Há quase 30 anos, trabalha com crianças graves e suas famílias. Fez mestrado e doutorado em Psicopatologia fundamental e Psicanálise na Universidade de Paris VII. Vive e trabalha em São Paulo.

Riccardo Lombardi é psiquiatra, psicanalista, didata e supervisor da Società Psicoanalitica Italiana, e membro do conselho editorial do *Journal of the American Psychoanalytic Association*. É autor de vários trabalhos sobre a relação corpo-mente, o tempo, a psicose e outros distúrbios mentais graves, que foram publicados nos principais periódicos psicanalíticos. É autor dos livros *Formless Infinity: Clinical Explorations of Matte Blanco and Bion* (London, Routledge, 2015), *Body-Mind Dissociation in Psychoanalysis. Development after Bion* (London, Routledge, 2017) e co-editor of *Psychoanalysis of the Psychoses: Current Developments in Theory and Practise* (London, Routledge, 2019). Atua em clínica privada em tempo integral em Roma, Itália.

Serge Frisch é psicanalista e supervisor clínico, ex-presidente da Société Belge de Psychanalyse, membro titular e didata da Deutsche Psychoanalytische Vereinigung, ex-presidente da Fédération Psychanalytique Européenne (EPF-FEP), membro do conselho de administração da International Psychoanalytical Association. Vive e trabalha em Bruxelas (Bélgica) e em Luxemburgo.

Steven Jaron formou-se psicanalista na *Société Psychanalytique de Recherche et de Formation* (SPRF). Compõe a equipe do *Hôpital des Quinze-Vingts* e trabalha em consultório particular em Paris. Possui doutorado em Literatura francesa e comparada pela *Columbia University* e é autor de *Edmond Jabès: The Hazard of Exile* (2003) e *Zoran Music: voir jusqu'au coeur des choses* (2008). Publicou ensaios em *Libres Cahiers pour la psychanalyse*.

Nota dos editores

Por Ana de Staal e Howard B. Levine

Gostamos de pensar que nossas ideias são nossa propriedade, mas ao menos que possamos colocar nossa contribuição à disposição do restante do grupo, não há chance de mobilizar a sabedoria coletiva do grupo que poderia levar a mais progresso e desenvolvimento (W. R. Bion, 1980, p. 26).

A ideia, para não dizer a necessidade, de organizar um livro sobre os efeitos da pandemia na prática psicanalítica nos surgiu por volta de abril de 2020. Ainda estávamos em *lockdown* total, perplexos com o que estava acontecendo.

Para muitos de nós, a passagem rápida e quase imposta do divã para a tela levantou questões legítimas sobre o impacto desses eventos sem precedentes em nossa prática. Não que a questão da psicanálise remota fosse um assunto novo. Alguns de nós já a praticavam ocasionalmente, durante as supervisões por exemplo, ou para continuar a trabalhar com um analisando expatriado. Nos

últimos dez anos, mais ou menos, vários livros foram publicados regularmente sobre o assunto, sob diversos ângulos.¹

Com a pandemia, no entanto, nos encontramos em uma situação muito nova, não apenas por causa de seu caráter universal e imperioso (fomos todos mais ou menos obrigados a fechar nossos consultórios e reorganizar nossas sessões, ou mesmo interrompê-las), mas também porque parecia ter o potencial de influenciar nossa prática de forma mais radical. Com efeito, até que ponto poderia o *setting*, esse continente de realidade psíquica sem o qual o processo psicanalítico não tem lugar, suportar o peso de uma realidade tão brutal, inoportuna e traumática? Parecia óbvio que o *setting* não lhe seria impermeável, e talvez fosse melhor que não o fosse. Mas, e aí...?

Quando começamos a reunir alguns autores em torno dessa reflexão, dirigimos a eles um argumento inicial:

Com o fechamento de nossas práticas por conta da pandemia, muitos de nós foram “transpondo” para a tela não apenas o dispositivo analítico clássico, mas também os *settings* psicoterapêuticos específicos (a consulta psicossomática, por exemplo). Esta experiência, ao mesmo tempo difícil e complexa, parece nos fornecer hoje elementos suficientes para uma primeira reflexão sobre a resiliência do dispositivo

1 Por exemplo: Alessandra Lemma, 2017. *The Digital Age on the Couch: Psychoanalytic Practice and New Media*, New York-Abingdon, Routledge; Jill Savage Scharff, 2013-2018. *Psychoanalysis online, mental Health, Teletherapy and Training*, New York-Abingdon, Routledge, vol. 1 - vol. 4; Serge Tisseron, *Rêver, fantasmer, virtualiser: du virtuel psychique au virtuel numérique*, Paris, Dunod, 2012; Frédéric Tordo & Elisabeth Darchis (dir.), *La cure analytique à distance, Le skype sur le divan*, Paris, Harmattan, 2017.

analítico, que foi submetido a vários tipos de extensões e de cargas desde meados do século XX. Até que ponto a psicanálise depende de seu dispositivo concreto? As bases do enquadre são realmente inegociáveis, inadaptáveis? Ou ao contrário, esse sistema é passível de transposição? Mas a que preço? O que acontece na situação analítica quando o campo de visão é enquadrado pelo olho de uma câmera? E a ida do analisando até o consultório (o devaneio no caminho, considerado por alguns como parte integrante da sessão)? O que acontece com a “atmosfera” do tratamento, tão cara a Theodor Reik? Como situar o corpo, a presença/ausência nas sessões de telefone e vídeo? ...

Como o leitor verá, as respostas a esse argumento foram muito diversas, muitas vezes indo além do problema inicial do enquadre. Alguns queriam pensar mais amplamente (e psicanaliticamente) sobre o contexto político e social do evento, outros sobre suas implicações teóricas ou institucionais, e ainda outros optaram por se ocupar da especificidade da experiência clínica remota.

Na época em que embarcamos neste projeto, nosso desejo era promover uma primeira abordagem da questão e, diante da pandemia que tomava de assalto corpos e mentes em todos os lugares ao mesmo tempo, queríamos quebrar as barreiras linguísticas e as diferenças entre as escolas, convocando analistas de todo o mundo e com as mais diversas sensibilidades: dos freudianos aos lacanianos, dos ferenczianos aos bionianos e aos kleinianos. Acolhemos assim todas as inspirações, não em nome de um ecletismo obrigatório e provavelmente infértil, mas no espírito da *sabedoria coletiva* da qual falava Bion.

Essa vontade internacionalista e descompartimentada, por assim dizer, era antípoda de um desejo de doutrinação, ou de exaustão das questões. Não queríamos um manual de atitudes técnicas a serem seguidas, nem um discurso pseudoconsensual (e, portanto, necessariamente pretensioso) sobre o que deveria se tornar o padrão de prática na vida cotidiana. Nossa intenção foi antes de tudo significar que a psicanálise vive e pensa em sua época – certamente, levando tempo para elaborar suas profundas modificações, mas sempre de acordo com o que constitui sua própria essência e finalidade: o desenvolvimento de nossa capacidade de pensar a vida e a morte sem negociar nossa parcela de humanidade. E precisamente, aceitando as contribuições de todos com a maior abertura de espírito, tentamos simplesmente fotografar num dado momento – entre agosto e dezembro de 2020 – a forma como cada um de nós tentava enfrentar a morte provocada pela pandemia, refletindo sobre seu impacto mais imediato em nossos pacientes, na nossa prática e em nós mesmos. Pois não é possível se lançar na perlaboração do trauma quando estamos no cerne do evento traumático; portanto, este livro é apenas um primeiro passo de uma longa reflexão que apenas começou.

Na época em que este projeto foi lançado, tínhamos certeza de que as coisas “voltariam ao normal” alguns meses depois, talvez no outono de 2020, e que nossas rotinas habituais seriam retomadas. Com o passar dos meses, percebemos o óbvio – nada poderia ser menos garantido. No momento em que escrevemos, os hospitais ainda não se esvaziam, a segunda onda é oficialmente declarada em todos os lugares, uma terceira onda é esperada, a fadiga geral está crescendo e até os mais firmes entre nós estão começando a sentir o golpe. Percebemos que, desde os mais altos níveis de decisão governamental até os mais modestos níveis de intervenção, as respostas vão sendo elaboradas, para não dizer improvisadas, dia após dia, sem que ninguém seja capaz de imaginar com exatidão

uma espécie de futuro. Um “deficit de figuração”, por assim dizer, passa a contaminar as pessoas, ao mesmo tempo que o coronavírus.

O trabalho incansável dos biólogos em busca de vacinas poderia ser uma metáfora para a nossa própria situação hoje: nós também estamos no meio de uma pesquisa, e precisaremos de tempo para melhor observar e teorizar acerca dos danos causados pela pandemia em nossos pacientes e em nós mesmos, e das transformações provocadas em nossa maneira de praticar e compreender a psicanálise. A pandemia tornou a morte muito visível, muito óbvia, ao mesmo tempo que enterrou tudo o que sempre nos ajudou a “viver” com a morte – nossos laços familiares e sociais, nossas celebrações, nossos ritos fúnebres, nossas artes e produções culturais, nossos parques e nossas viagens; ela nos deixou estupefatos perante a luz azulada das telas, evidenciando a nossa necessidade de sentido, de sublimação, de um mundo interno habitado e de um mundo externo aberto a ligações e futuros possíveis.

Esperamos que essas contribuições possam dar ao leitor, como nos deu, matéria para reflexão, bem como um pouco de consolo.

A. de S. e H. B. L.

Traduzido do inglês por Bartholomeu de Aguiar Vieira

Referências

- Bion, W. R. (1980). *Bion à New York et à São Paulo*, Paris, Ithaque, 2006.
- Bleger, J. (1967). Psychoanalysis of the psychoanalytic frame, *International Journal of Psychoanalysis* 48. pp. 511-519.

Bleger, J. (1979). Psychanalyse du cadre psychanalytique, in R. Kaës (dir.), *Crise, rupture et dépassement*, Paris, Dunod. pp. 255-285; en ligne: <http://www.psychanalyse.lu/articles/BlegerPsychanalyseCadre.htm>.

Etchegoyen, R. H. (2005). *Fondements de la technique psychanalytique*, Paris, Hermann.

PARTE I

O pano de fundo/O contexto

Os insatisfeitos na civilização

Christopher Bollas

Santa Barbara, EUA/Londres, Inglaterra

I

Os movimentos populistas nos Estados Unidos, Brasil, Reino Unido, Hungria, Filipinas e demais lugares revelam o quanto os processos democráticos são vulneráveis quando um grupo outrora racional – como uma nação – abandona suas estruturas ordinárias de governo, enquanto um número significativo da população sucumbe a processos psicologicamente perturbados de pensamento e ação.

Mesmo que saibamos muito sobre nossos processos de pensamento e comportamento em grupos pequenos ou médios, ainda não refletimos o suficiente sobre os processos mentais em grupos grandes, como aqueles que chamamos de nação. Considerarei aqui como podemos começar a pensar sobre nossa psicologia atual

como uma nação¹, especialmente quando nos tornamos perturbados, como é o caso agora. O foco será principalmente no exemplo dos Estados Unidos e, em particular, sua psicologia de grupo em 2020.

Enquanto o presidente fermentava o nacionalismo branco e a extrema direita, angariando o apoio de seus fãs, a palavra “vírus” tornou-se um significante que se bifurcou para identificar dois fenômenos aparentemente não correlacionados: a transmissão de um vírus biológico e a transmissão de notícias falsas. A Covid entrou no corpo americano e matou pessoas, enquanto Trump criava um vírus social, uma mutação maligna de estruturas sociais até então adequadas, espalhando comunicações psiquicamente destrutivas que intencionavam adentrar no corpo político e na mente política da América. A convergência de ambas as formas virais de comunicação criou um patógeno que causava confusão mental. Enquanto viajavam pelo país, ambos foram psiquicamente invasivos, semeando o medo em uma escala que a comunidade americana ainda não havia experimentado.

Nessa situação, houve o que os psicanalistas chamam de uma “sobredeterminação” de sentidos. Covid, insanidade presidencial, matanças policiais, desemprego maciço e desordem civil imiscuíram-se em uma condensação maligna para produzir uma realidade mental impensável. A matriz que descrevi, apesar de muitas vezes tratar-se de um fenômeno psicológico, não é um sonho. É um evento no real: um pesadelo social movido por uma realidade social psicótica. Como Frantz Fanon escreveu, podemos “ser sobredeterminados pela exterioridade”.²

1 Aqui utilizo o termo “nação” ao invés de “estado-nação”, como é mais comumente utilizado hoje.

2 Ver Franz Fanon, *Black Skin, White Masks*, New York, Grove Press, 2008, p. 95.

Ao testemunharem o desmantelamento das instituições incumbidas de proteger as terras e o meio ambiente (tal como a EPA – a *Environmental Protection Agency*), os norte-americanos viram a implosão social: o colapso das estruturas cruciais para o funcionamento de grandes grupos. A implosão retrocedeu a nação para um mundo feudal no qual milhões de pessoas deveriam “seguir o líder”, um processo que devo discutir mais à frente.

Porém, comecemos por pensar sobre alguns aspectos da psicologia de grupos.

Nosso primeiro grupo é nossa família de origem, uma assembleia oligárquica *ad hoc* dirigida pelos adultos e tendo os filhos como subordinados. Ao internalizarmos os conhecidos não-pensados³ de nosso grupo familiar, formamos axiomas que irão influenciar, ou talvez até governar, nossos comportamentos para o resto de nossas vidas.

Na família suficientemente boa, experienciamos e absorvemos o amor e a lei. Amamos e somos amados pela mãe, pelo pai e por outros, mas não porque conquistamos isso; somos simplesmente amados, como se este fosse o predicado fundamental da existência. Juntamente ao amor, a lei nos é ensinada. Desde o princípio, a mãe tem seu conjunto claro de regras de comportamento, comunicado através de interações que constituem leis não ditas (que eu chamo de “ordem materna”), e mais tarde aprendemos leis sociais comunicadas através da linguagem (o que chamo de “ordem paterna”, seguindo a teoria lacaniana da ordem simbólica), as quais são requeridas para nossa futura participação em todos os outros grupos.

3 Os leitores não familiarizados com minha obra e alguns dos termos que uso – “conhecido não-pensado”, “ordem materna” etc. – e que desejem ter uma compreensão melhor dos mesmos estão aconselhados a lerem *The Metapsychology of Christopher Bollas: An Introduction* (London, Routledge, 2017), de Sarah Nettleton.

Se tudo correr bem, o amor incondicional gradual e incessantemente dá lugar ao amor condicional. A experiência do amor, do amar e do ser amado nunca desaparece. Porém, sua limitação pode ser perturbadora.

Nosso próximo grupo significativo será a escola, na qual somos tutorados em relações grupais por professores que frisam a importância do bom comportamento no grupo. Novas formas de amor e lei são transmitidas e integradas nas assunções da vida grupal. Precisamos ser amados e estarmos apaixonados e, não obstante precisamos também da lei, e a lei precisa de nós.

Os bebês oferecem às mães o gosto de sua comida e reagem aos seus estados de mente; eles são naturalmente empáticos. Isso é enfatizado por professores e outros, o que por sua vez leva ao desenvolvimento de outra capacidade psíquica: o senso ético – a habilidade de considerar o mundo interno ou as circunstâncias de outrem. Os sentidos empáticos e éticos evoluem naturalmente do amor e da lei. Estamos começando a tornarmo-nos generativamente estruturados.

Conforme enfatizado por Daniel Stern,⁴ as crianças são muito interessadas por objetos novos. Normalmente, depois daquele que Winnicott denominou como “período de hesitação”, elas buscarão novos objetos para explorar, incluindo outras pessoas. Crianças abraçarão estranhos porque o outro é interessante. Isso leva ao desenvolvimento de uma capacidade além da empatia, a qual podemos chamar de “alteridade”.⁵ Isso envolve uma parte de nossa vida mental estruturada para receber os outros e desfrutar da diferença.

4 Ver *The Interpersonal World of the Infant: A View from Psychoanalysis and Development* (Basic Books, 1985).

5 Krishnamurti referiu-se à “alteridade” em todo o seu trabalho, e enquanto usamos o termo diferenciadamente aqui, há também pontos de convergência. Ver J. Krishnamurti. *Krishnamurti's Notebook* (New York, Krishnamurti Publications of America, 2003).

A infância é denominada como *anos formativos* por uma boa razão. Nossa personalidade enquanto forma será moldada por nossa integração de qualidades que se provarão essenciais a nosso interesse em nosso *self*, nossa dedicação aos outros e nossa contribuição para o mundo ao longo de nossas vidas. As estruturas que compreendem o amor, a lei, a empatia, o sentimento ético e a alteridade são cruciais para nosso devir enquanto entes sociais civilizados. Essas capacidades permitem a participação criativa nos vários grupos em nossas vidas: nossa família de origem, a família que talvez geremos, nosso espaço de trabalho e participação em nossa comunidade.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud defendeu que a formação do Supereu mitiga a força de nossos instintos – a agressividade e a sexualidade. Já que não podemos simplesmente satisfazer qualquer urgência que talvez nos seja prazerosa, trocamos tal prazer por outra relação intrassubjetiva. Uma parte de nossa personalidade (o Supereu) ama e admira outra parte (o Eu) por abrir mão de instintos vorazes, ou por pelo menos modificá-los. Essa relação de amor interna é o que, em parte, nos faz sentirnos bem com nós mesmos, ou pelo menos leva a um sentimento de honestidade e de comportamento consciencioso. Profissionais da saúde mental têm sido compreensivamente hesitantes ao não oferecerem seus juízos clínicos sobre figuras perturbadas envolvidas na política nacional. Normalmente, para um profissional diagnosticar um indivíduo, ele ou ela deve encontrar pessoalmente o sujeito em questão e realizar um exame detalhado. Todavia, pode haver exceções para essa avaliação privada quando um indivíduo demonstra abertamente um estado mental altamente perturbado em público, em transmissão radiofônica, televisão ou redes sociais. Se o sujeito oferece “material” o suficiente dessa maneira, então é possível para um clínico realizar um diagnóstico não acerca da personalidade, mas sobre o processo. Então, enquanto eu não identificaria um *político*

como paranoico ou borderline, pode ser apropriado identificar um *processo de pensamento* dessa maneira, na medida em que as justificativas para tal mirada sejam justificadas.

Pessoas envolvidas em políticas extremistas – à extrema direita ou à extrema esquerda – normalmente derivam suas posições ora de um estado mental ativamente perturbado, ora de uma ideologia que sustenta uma perturbação em seu seio, o que permite que seu representante seja calmo ou mesmo sereno. Quer dizer, uma ideologia pode ser bastante louca – e com efeito contendo o pensamento psicótico de um grupo –, e apesar disso deixar seus defensores relativamente calmos.

II

A ameaça à democracia nos Estados Unidos e alhures, em 2020, emergiu de processos grupais psicóticos que foram cultivados pela chamada “direita alternativa” (*alt-right*) por décadas. (É desnecessário dizer que se as ameaças viessem da extrema esquerda, estaríamos agora examinando sua psicologia).

Todos os grupos e indivíduos entram e saem de estados de mente tóxicos. Os processos neuróticos e psicóticos do pensamento são ambos parte da vida normal. O processo neurótico envolve o conflito entre os conteúdos da mente. O processo psicótico envolve o conflito entre as partes da mente, por exemplo, entre nossa consciência e nossos impulsos.

Em estados grupais neuróticos, os membros irão manter e expressar partes distintas de uma dinâmica ideacional complexa, mudando de posições enquanto as questões circulam entre eles. Em estados grupais psicóticos, as pessoas lidam com a complexidade

ideacional livrando-se das partes da mente que normalmente ajudariam no manejo de pensamentos perturbadores.

O processo neurótico nos obriga a um refreamento, força-nos a pensar e repensar ideias que emergem na consciência. Pode também nos deprimir, porque mesmo que saibamos que o raciocínio é valioso, descobrimos que não há lugar de descanso final no qual podemos serenamente avaliar a paisagem da mente e sentir que está tudo bem. O *self* ordinário compreende que uma fonte comum de perturbação é a própria vida mental. Precisamos de ajuda para desenrolar os emaranhados da ideação e do afeto, fatos históricos e passados imaginados e os vetores do pensamento desejoso e da promessa do prazer versus o sentido de realidade que compromete a realização do desejo.

O processo psicótico, por outro lado, pretende eliminar o conflito intrapsíquico – o conflito entre as partes do *self*. Isso é realizado pela recusa (*denying*) de conflitos mentais e pela cisão da personalidade, de modo que as partes indesejadas da vida mental são banidas da consciência ao serem projetadas nos outros. O ódio das partes expulsas do *self* produzem um medo globalizado do outro, o qual foi vítima dessa violência mental e virá atrás de vingança, o que leva a uma retirada paranoica em enclaves de apoiadores para garantir o suporte e para contrabalancear o isolamento.

Quando Trump, por exemplo, anunciou que os mexicanos e centro-americanos amontoados nas fronteiras estadunidenses eram “criminosos” e “predadores sexuais”, ele projetou suas próprias perturbações sexuais e criminosas nos latinos e nos outros. Quando ele invocou a nação a construir um muro – um muro grandão – ele projetou o muro psicológico que há muito havia construído dentro de si, e que o protegia de perceber sua responsabilidade em suas próprias transgressões.

Todos encontramos-nos, por vezes, em momentos de funcionamento mental psicótico e neurótico. O enquadramento mental da extrema direita deve ser visto, portanto, menos como uma desordem de personalidade e mais como um modo de pensar que qualquer um de nós poderia adentrar ocasionalmente. Em nossa vida cotidiana, entramos e saímos de processos de pensamentos psicóticos sem pestanejar.

III

Durante a crise da Covid nos Estados Unidos, o fracasso em lidar com a crise de forma eficiente e rápida derivou amplamente de meio século de oposição cada vez mais efetiva ao governo federal. Antes mesmo da convenção Constitucional, depois da guerra civil e desde então, um número significativo de norte-americanos sempre se opôs ao governo federal. O liberalismo norte-americano é uma filosofia anarquista. Essa visão de governo competia com os Republicanos conservadores na segunda metade do século XX, e os demoveu no século XXI.

Ao mesmo tempo, o cerne cristão da política norte-americana se deslocava para a direita. O desencantamento quase agnóstico dos teólogos norte-americanos, inspirados em Reinhold Neibhur e Paul Tillich, distanciou-se das mitologias primevas e arcaicas do monoteísmo acerca dos “deuses fundadores”, focando-se, por sua vez, nos padrões éticos defendidos pelos cristãos por séculos. O movimento evangélico oferecia uma abordagem muito diferente daquela das reflexões mais acadêmicas dos quietistas, da tradição pastoral do cristianismo progressista. Elas ofereciam um processo grupal altamente emocional, oferecendo um renascimento figurativo às pessoas que encontravam sua fé. Seu conceito de ter “nascido de novo” tirou a mãe biológica de cena. Ao mesmo tempo,

eles violentamente julgaram as futuras mães biológicas por interromperem suas gravidezes. Enquanto milhões de norte-americanos nasciam de novo, poderíamos achar curioso que, nesse ataque inconsciente à mãe biológica, eles estavam sancionando implicitamente suas próprias formas de aborto. No lugar da mãe e da família de fato, havia agora um grupo de pessoas sorridentes que ofereceriam sustento a todos esses filhos da fé sem terem passado pelo trabalho de parto.

Finalmente, o pensamento baseado na fé tomou o lugar da razão cristã. Para muitos que cresceram em famílias puritanas austeras, os grupos pentecostais divertidos, cantando e dançando suas religiosidades, deve ter representado um alívio. Libertos das restrições puritanas escancaradas, você poderia *sentir* a cura do cristianismo dentro de você.

Ao mesmo tempo, o capitalismo norte-americano, que fora gerido pelos auspícios do governo durante as presidências de FDR e Eisenhower, foi gradualmente libertado da regulação governamental, e ainda mais decisivamente sob Reagan. Tanto o cristianismo evangélico quanto os capitalistas neoliberais – os defensores do capitalismo não regulado – baseavam-se na fé. Certezas tomaram o lugar da argumentação racional. “Deixe as forças do mercado decidir nossas estratégias” combina bastante bem com “Deus vai cuidar disso”.

Conforme discuti em *Meaning and Melancholia*,⁶ desde o início dos anos 60, houve uma antipatia crescente em relação ao governo federal; na realidade, em relação à ideia mesma de ser governado. A América da “economia do gotejamento” defendida por Reagan significava que o país seria, com efeito, regido pela economia, não

6 Ver Christopher Bollas, *Meaning and Melancholia* (London, Routledge, 2018).

pelo governo. De fato, parecia que era melhor reduzir o governo federal até seu quase desaparecimento.

A urgência de se desregular o governo foi alicerçada pelo investimento na suspeita. A regulação era vista como uma tentativa de tomar o país para suprimir o povo. Porém, como acontece com tais processos de pensamento, o objeto de medo (o domínio pelo governo) expressava a ambição do próprio governo de dominar o país e eliminar todas as outras visões. Isso é o que eles intencionavam fazer, e assim o fizeram com êxito.

O processo histórico da desregulação do governo não gratifica simplesmente a pulsão de acumular riquezas. Ele expressa o desejo de se afastar da governança. Um país não regulado é o desejo de um *self* não regulado.

E o que dizer da lei?

A nomeação cínica de William Barr como procurador-geral empoderou um homem do direito religioso (um fanático católico) e promoveu a oposição às leis da terra. Quando as forças federais dispersaram aqueles que se reuniam pacificamente fora da Casa Branca para permitir a passagem do presidente de lá até a Igreja Episcopal de São João, em 1 de junho de 2020, um presidente literalmente pisou sobre a liberdade de reunião e violou a separação entre Igreja e Estado. Esse dismantelamento da estrutura governamental norte-americana ilustra a anomia desse processo grupal. O presidente não disfarça a exploração dos grupos religiosos e do pensamento baseado na fé para o ganho de vantagem política. Isso aconteceu às claras, no grupo amplo que chamamos de nação.

Enquanto celebrava uma série de executivos em seus relatórios de saúde diários em março e abril de 2020, Trump deslocava a responsabilidade governamental para o mundo corporativo. Isso era feito com um brio comparável ao de Mussolini quando

transformava a Itália em uma nação corporativa. Quando o secretário do tesouro, Steven Mnuchin, destacou 2,2 trilhões de dólares para estimular a economia, bilhões foram parar nos bolsos da América corporativa. Diga-se de passagem, essa injeção financeira confirmou os Estados Unidos como uma nação que caminha para o nacional socialismo. Os norte-americanos assistiam a grandes transformações na estrutura de seu país. Esses desenvolvimentos – nas mãos de Trump, Barr, Mnuchin e outros – eram pensamentos-ação. A psicanálise identifica a forma em que uma pessoa age como uma maneira de pensar, e ao considerar um processo nacional grupal, é importante vermos como a implementação da política constitui uma forma de pensar sobre o mundo.

IV

Um país desregulado é um viveiro de *selves* desregulados.

Em junho de 2020, alguns governantes suspenderam o distanciamento social nos Estados Unidos (um equívoco repetido em muitos outros países). O resultado? A ressurgência da Covid.

Estranhamente, e voltaremos a esse ponto, a “liberdade” levou a hospitalizações e mortes, enquanto “restrições” permitiram às pessoas seguirem suas vidas sem consequências malignas.

Muitas pessoas ficaram furiosas frente a qualquer regulação governamental de seus direitos de fazerem o que bem quisessem. Recusando a usar máscaras, eles se amontoaram em praias, em bares e restaurantes, e fizeram festas, seguindo o “capitalismo do Id”⁷ – só aqui, não se tratava de “lucros acima das pessoas”, mas de “prazer acima das pessoas”. O que o *self* queria, ele ganhava.

7 Um termo que utilizei em *Meaning and Melancholia* para descrever o capitalismo desregulado guiado pela ganância desses investidores e capitães da in-

Para a maioria das pessoas, as estruturas mentais éticas que partem de nossos anos formativos, são responsáveis por uma parte importante da vida. O tempo todo podemos empregar mecanismos psicóticos, porém, a não ser que uma pessoa seja um psicopata, os impulsos positivos derivados do amor relacional, da lei, do sentimento ético, da empatia e da alteridade servirão como um recurso para mitigar esses estados de mente malignos que de outro modo destruiriam o que poderíamos chamar de “uma pessoa consciente”. Nesse contexto, me refiro a uma pessoa estabelecida em qualidades psíquicas, que faz uso delas em sua vida, e que reconhece que essas estruturas formativas podem ser destruídas.

Quando norte-americanos (e povos de outras nações) desafiam o distanciamento e o isolamento social, sabendo que suas festas na praia poderiam levar a Covid a suas casas e infectar outras pessoas, isso ofereceu uma espécie de pesquisa – uma demografia – do estado de mente grupal.

As máscaras podem ser recomendadas, mas não foram declaradas como assunto legal. Essa visão anárquica – que as pessoas deveriam decidir, e não o Estado – dividiu a nação entre aqueles que usavam máscaras e aqueles que não as usavam. A bandeira dos confederados pode ter caído, porém, a face sem máscara estava em firme evidência.

Com esse ataque bem-sucedido no benefício regulatório do governo, vimos a anarquia social e as mortes por Covid em números extraordinários. Elas emergiram de uma forma de psicopatia: uma estratégia inconsciente de ganhos imediatos sem consideração pelas consequências. Isso se tornou o novo normal, algo que só poderia acontecer através da aniquilação do *self* consciencioso. É essa matança que mais profundamente desencorajou aquelas

dústria que colocam o lucro acima das pessoas.

milhões de pessoas que têm uma consciência, que têm consideração pela democracia social e os direitos humanos, e que querem seguir melhorando seus mundos.

O anarcocapitalismo, porém, arranca das pessoas as qualidades humanas. Enquanto o *self* perde essas capacidades, depois de algum tempo, um cinismo depressivo emerge para prover um novo *ethos*. Alguns o chamam de “realismo”. Seja qual for a racionalização para o abandono das estruturas que formam a consciência, a resultante será um *self* desnudo. Ao perdermos nossa humanidade, somos reduzidos a axiomas primitivos do viver.

Com a ejeção da consciência, o *self* é finalmente desregulado. Agora é cada um por si. O sonho americano originou-se no desejo simples dos imigrantes norte-americanos de criar uma família e dar a ela a educação que eles próprios não haviam recebido. Em outras palavras, era o desejo de viver uma vida suficientemente boa. Gradualmente, porém, esse propósito ético transformou-se em um sonho que virou Las Vegas. Ao final do século XXI, o sonho americano tornou-se a estrada para a gulodice sem limites. E esse enquadre mental contribuiu para a psicologia que subscreve ao neoliberalismo.

V

Expressando esse fanatismo direitista, Trump deslocou a percepção da realidade com uma abordagem da realidade do tipo “vale tudo”. Para ele, não havia diferença entre notícias baseadas em fatos e asserções fantasiosas. Ele poderia dizer qualquer coisa sem nenhum medo das consequências, porque ninguém poderia provar o contrário. (Não podemos provar a evidência de que a cidadania de Obama foi uma invenção feita por golpistas). Vivendo

no luxo de sua lógica negativamente baseada, o direito estabeleceu que elas poderiam criar qualquer narrativa que desejassem. E suas habilidades de fazer isso eram psicologicamente contagiosas; foi um convite para que todo mundo abandonasse o ônus de lidar com a realidade e se banhasse nos deleites da fantasia.

Não é difícil ver como, através dessa forma de pensamento, a direita “preparou” muitos na comunidade cristã, entre outros monoteístas. A crença em Deus é, evidentemente, “baseada na fé”. Uma vez que as notícias se tornaram estruturadas da mesma maneira, aqueles que as criaram e transmitiram tornaram-se deuses em suas próprias narrativas, facilmente adquirindo muitos seguidores. Afinal, se podemos nascer de novo: por que não podem as notícias? O que há de errado em se dar uma nova vida aos fatos pouco inspiradores da vida por meio de um processo de gênese do pensamento totalmente distinto?

Um grupo pode ser influenciado por diversos fatores que alterarão seus axiomas ou sua cultura. Mesmo que um grupo grande se mantenha calmo e eficiente por longos períodos, nas circunstâncias certas, sua psicologia pode se tornar subitamente vulcânica. Assunções conhecidas (estruturas mentais grupais) podem ser aniquiladas sem pestanejar, especialmente se o grupo se encontra em um enquadre mental psicótico.

Um processo psicótico sempre envolve a destruição de funções mentais importantes, tal como a capacidade de perceber a realidade, de formar juízos razoáveis, de filtrar sentimentos fortes e de ser socialmente adaptável. Enquanto o processo psicótico cinde o *self*, isso envolve a perda de partes de outro modo valiosas para a vida mental – o sentimento ético, a capacidade para a empatia, para a alteridade, entre outras. Quando começamos a erradicar aspectos que sabemos ser cruciais para o lado humano do ser humano, algo estranho acontece no processo psicótico. Experimentamos a perda

dessas partes do *self* como evidência de termos sido invadidos e diminuídos por um inimigo.

A mentira do presidente foi deplorada por muitos no país, mas ela é raramente compreendida como estando em um espectro psicótico. Na medida em que Trump constantemente inventa e reinventa a realidade, sem nenhuma preocupação com a base factual do que ele diz, o efeito cumulativo dessa revisão constante da percepção da realidade, é que o sentido que dão as pessoas para o que pode ou não pode ser verdadeiro se esvai em uma névoa de fanatismos. Essa degradação criou uma atmosfera psicótica: fez com que fosse muito difícil, tanto para apoiadores quanto adversários, pensar, falar abertamente, e chegar em um juízo estabilizado sobre o que é real.

Ao criar a realidade para nós, o presidente se oferece como o líder que irá salvar seu povo do feitiço caótico que suas múltiplas personalidades criaram. Mesmo que dificilmente seja um cristão, ele astutamente entendeu como funciona a mente embasada na fé. Ele compreendeu como o predicado de certos mitos cristãos podem ser esticados aos tempos modernos de maneira que ter fé em algo se torna muito mais significativo que o juízo baseado em fatos.

Para alguns, isso afirma simplesmente que ele é um deus: um ser que existe acima da vida de pobres mortais, que pode ver além do que percebemos, que sabe tudo que há para se saber. Se você anda como um salvador, fala como um salvador, é perseguido como um salvador (CNN: a emissora de Pôncio Pilatos), e é também a pessoa mais poderosa no mundo, o que há mais para se dizer? Para milhões de norte-americanos, o que Trump diz é um evangelho.

Enquanto norte-americanos são sugados pelos processos mentais do presidente, a política se torna a arte de congregar pessoas por trás de falsas realidades geradas por uma mitopoética psicótica.

Teorias conspiratórias são pseudocomplexidades que buscam deslocar os desafios mentais genuínos da vida moderna. Esquivando-se do engajamento com as complexidades no mundo real, a mente da extrema direita, ao invés disso, fabrica a realidade precisamente porque ela coloca de imediato o *self* no controle daquilo que parece ser um estado de coisas surpreendentemente complexo. A teoria conspiratória é uma ilusão. Uma ilusão é uma alucinação narrativamente organizada (e, portanto, coerente).

VI

Então, o que pode ser feito acerca da situação em que os norte-americanos e cidadãos de muitos países agora se encontram?

Para ser parte de um grupo nacional – algo crucialmente dependente de nossa participação – as pessoas firmam um compromisso. O grupo ao qual nos referimos como nação é muito grande, e é também uma abstração; é difícil para cidadãos estarem pessoalmente envolvidos, sentirem que têm uma ideia clara de como participar de um grupo e saber qual é o idioma desse grupo.

Para aqueles que elegemos como representantes, é bastante difícil representar verdadeiramente os interesses da nação, mesmo que tentem. Nos Estados Unidos, décadas de desprezo pelo Congresso – “o Congresso que não faz nada” – indica uma fadiga acerca da vida em uma democracia que erodiu a crença das pessoas, tanto no governo quanto nelas mesmas.

Seja o Congresso, o executivo ou o judiciário, os norte-americanos têm uma visão cínica sobre suas instituições. Juízos ríspidos podem ser comuns, mas e se a verdadeira causa dessa degradação for estrutural? E se parte do problema for a falta de qualquer estrutura no governo que seja capaz de processar a perturbação social?

E mesmo que as questões – econômicas, políticas e existenciais – sejam importantes, e se a perda de confiança no governo, por parte dos norte-americanos, tenha uma base psicológica? E se o caso for de eles não confiarem em suas psicologias para governar?

Se pensarmos positivamente, podemos nos inspirar na coragem de milhões de pessoas ao redor do mundo que estão protestando contra a mudança climática, injustiça social, abuso de poder e o capitalismo maligno. Temos modelos de ação. Podemos lembrar o quanto nossa comunidade mundial isolou a África do Sul ao protestar contra o apartheid, como a pressão externa em um governo libertou aqueles em uma nação para acumular liberdade o suficiente para lutar contra a corrupção e apontar seu país para a direção correta.

Esse modelo aponta para a eficácia da “ajuda externa”. Para um psicanalista, isso incorpora o conceito de “triangulação”. Quando duas forças opostas travam batalha, a presença de um terceiro pode criar um outro espaço de pensamento que não esteja sujeito às influências malignas dos grupos de poder que corromperam uma nação. Podemos ver, por exemplo, como isso mudou a política na Irlanda do Norte. Porém, essa aproximação do tipo “socorrista” para questões nacionais e internacionais – ajuda externa que aparece em uma emergência – é inadequada para lidar com as necessidades complexas do mundo contemporâneo. No século XX, vimos a formação da Liga das Nações (1920), das Nações Unidas (1948) e da União Europeia (1993). Essas foram iniciativas sérias que deram às nações um terceiro espaço, e ao fazê-lo, enfatizaram o potencial de uma comunidade internacional.

Todos vivemos em um mundo pontuado – e por vezes ocupado – pelo racismo, misoginia e outros patógenos sociais. Porém, apesar de nossas piores características, também vivemos em um mundo de melhorias sociais progressivas. O que aprendemos do

colapso de governos é que se abandonarmos as instituições dirigidas a responsabilizar-nos, podemos regredir para formas de comportamento primitivas ou mesmo letais. Na ausência do funcionamento robusto da OMS, das Nações Unidas, da Corte Internacional de Justiça e de outros órgãos, é possível que nossos *selves* sociopatas capitalizem qualquer oportunidade sem nenhuma consideração pelas consequências.

Porém, para que progridamos, precisamos estar em uma posição de avaliar a realidade. Os membros de um governo representativo devem incluir entre seus pares muitas pessoas habilitadas a identificar e encontrar estados de mente patogênicos no processo político ordinário.

Na psicologia psicanalítica, nos esforçamos para identificar questões inconscientes para que possam ser consideradas pela consciência. Um dos processos psicóticos mais comuns é a alucinação negativa: não enxergar um objeto ou situação que está bem na nossa frente. O famoso “elefante na sala”: A alucinação negativa é uma forma de diminuir a complexidade da governança. De fato, todos os governantes – o parlamento ou o congresso e seus constituintes – sabem o quanto e como estão engajados em comportamentos corruptos. Porém, se eles não querem ter suas ações e comportamentos examinados, eles irão escolher manter o desconforto fora da consciência, terceirizada por um “submundo”. Eles não irão encorajar os psicólogos a discutir o não dito.

Alucinar negativamente realidades importantes – nossa participação no comércio de armas, por exemplo – significa que abandonamos o contato mental com aquelas partes da realidade que de fato precisam de nossa atenção diligente. A distração pode deixar a vida mais fácil. Porém, uma parte de nós sabe que o fazemos em detrimento da responsabilidade social. Ao nos estupidificarmos, adquirindo uma ignorância cultivada, sabemos que a desconexão

de conteúdos mentais perturbadores (a mudança climática catastrófica, o dilema das pessoas fugindo do genocídio) não nos livra simplesmente de pensamentos desconfortáveis. Isso eventualmente compromete nossa habilidade de pensar sobre a realidade. Esta fuga de nossas obrigações mentais – a diminuição mental – pode deixar-nos vazios, procurando algum deus para pensar por nós. Um deus como Trump.

Mesmo que a alucinação mental seja normalmente inconsciente, todos temos momentos em que ignoramos coisas que sabemos ser perturbadoras. Infelizmente, porém, quando escolhemos eliminar formas evidentes de injustiça social, negando o desconfortável e eventualmente cegando-nos frente a ele, autorizamos a corrupção pessoal. Falhamos ao ver a injustiça que está bem em nossas frentes, ou de outro modo a enxergamos, mas anestesiemos nossa resposta emocional. Assim, é fácil compactuar com práticas malignas na companhia que nos emprega, ou se engajar na perseguição daqueles dentro ou fora de casa. No grupo mais amplo, é mais fácil tornar-se sociopata quando as demandas feitas à nossa empatia são sentidas como impossíveis. Prestarmos atenção a todas as injustiças presentes na sociedade seria doloroso ao extremo para a mente. De fato, ninguém poderia pensar todo o dia sobre isso, já que a mente individual não consegue conter a mente do grupo. Aqueles que são altamente empáticos podem se conectar mais que a maioria à dor sofrida por tantos, mas isso pode levar a perturbações mentais intoleráveis. Tal receptividade é mentalmente perigosa. Negamos a realidade porque pensar sobre ela pode ser bastante opressor.

Mesmo que haja claros sinais de consciência nos Estados Unidos – como evidenciado pelo *Black Lives Matter* ou pela crescente oposição à acumulação de fortunas por uma pequena minoria – a oposição da extrema direita a aderir à complexidade do grupo

mais amplo bloqueia a eficácia da consciência social. Desde abril de 2020, Trump demitiu cinco inspetores gerais: o da Inteligência, Transportes, Defesa, Saúde e Serviços Humanos e do Departamento de Estado. Ao livrar o governo daqueles que o responsabilizariam, ele lobotomizou a capacidade da nação de exercer a governança conscienciosa. Não haveria supervisão, nem prestação de contas.

O ódio ao governo começou a crescer nos anos 50, com a *John Birch Society* e depois aumentou ainda mais na era conservadora pós-Goldwater. A riqueza da classe média da era Eisenhower minguou e chegou o tempo de alguns semearem o descontentamento dentro da nação. Conforme Jill Lepore aponta em *These Truths*, a decisão de Nixon de empregar truques sujos contra seus oponentes democráticos instituiu um processo que buscava distorcer a verdade e bagunçar nosso senso de realidade. Kevin Phillips, um de seus conselheiros, disse que o alvo da estratégia de Nixon era fazer uma pessoa odiar a outra. De fato, o vice-presidente Spiro Agnew escreveu: “Dividir o povo norte-americano foi minha maior contribuição para a cena política nacional... eu não apenas me declaro culpado frente a essa acusação, mas me sinto de algum modo liisonjeado por ela (p. 639)”.⁸

Como podemos entender a emergência do ódio expressamente aberto de colegas membros de uma democracia? Quem tenta destruir a própria nação?

Um grande grupo é vulnerável a políticas destrutivas e dirigidas pelo ódio cujo objetivo é desativar o governo mesmo. Trata-se menos de opor-se a políticas particulares (mesmo que isso aconteça) do que de se fazer o governo parecer impossível. Ao se desativar o governo, o alinhamento entre as forças corporativas, do

8 Jill Lepore (2018). *These Truths: a history of the United States*. New York: WW Norton.

mercado e do capital estão livres para lubrificar os trilhos para que sociopatas ganhem ainda mais poder e dinheiro.

Conforme argumentei, desativar o governo ajuda seus defensores porque a frustração complexa e arraigada (como a da democracia norte-americana moderna) é nulificada através do desenvolvimento de uma mente nova, que não carrega o fardo de ter que considerar questões – desigualdade financeira, sexismo, racismo – que exigem reflexão. Se, em tempos melhores, as democracias dependem de uma forma de linguagem em que o argumento é sustentado por seu significado (o que é dito significa algo e leva logicamente a outros pensamentos significativos), na constrição da democracia imposta pelo direito, signos substituem significados. Ao invés de usar a linguagem para pensar, agora é suficiente simplificar a linguagem e transformá-la em uma arma. “Liberal” significa mau. “Pró-vida” é o signo de bondade, mesmo que muitos nesse movimento sejam favoráveis ao assassinato de membros do movimento pró-escolha.

Se queremos enfrentar essa situação, devemos confrontar sua dimensão psicológica. Nações – e relações internacionais – são experimentadas por todos nós como algo muito complexo. Pensadores da extrema direita lidam com isso via alucinação negativa e positiva. Eles não veem aquilo que não gostam de ver e inventam aquilo que não existe. Pensadores de esquerda lidam com isso atomizando a complexidade em pequenos segmentos de grupos de interesses menores: políticas identitárias. A esquerda irá escolher suas efemérides favoritas, falar sobre elas, organizar-se em torno delas, mas não irá encarar a tarefa de tornar funcional a democracia do grupo mais amplo.

Em algum momento no final do século XIX, tornava-se inconscientemente claro às pessoas de toda a Europa que o Estado-nação era um campo aberto para normas sociopatas. As estruturas

mentais internas sociogenerativas (consciência, empatia, entre outras) que funcionavam em grupos sociais menores, como os vilarejos ou municípios, eram afrouxadas e uma nova forma de personalidade emergia. Este era o sociopata “necessário”, a quem era permitido navegar, prosperar e se empoderar quando o grupo mais amplo operava a partir do enquadre de um processo psicótico.

Faço uma diferenciação entre um psicopata e um sociopata – um tópico complexo – que só menciono brevemente para auxiliar nossas considerações aqui. Um psicopata é uma pessoa severamente comprometida, sem consciência efetiva, pouco controle do Ego sobre seus impulsos e sem apelo interpessoal. Um sociopata é altamente habilidoso em manipular as pessoas e ocasiões para ganhar vantagem pessoal a quase qualquer custo. É uma pessoa sedutora, capaz de imitar a consciência e empatia, mas todos os atributos positivos e comportamentos aprendidos são facilmente descartados se a ocasião pedir. É um oportunista impiedoso que pode, não obstante, agregar as pessoas, iniciar uma troca e ponderar as coisas, porém, opera sob a lei do *quid pro quo*: qualquer favor feito a ele serve de desculpas para sua expectativa de que o outro irá devolver o favor feito. Com efeito, ao longo do tempo, o sociopata pode acumular uma base poderosa de poder a partir daqueles que lhe devem.

Uma questão que surge da “mente” populista é se essa é uma resposta à impossibilidade da governança em uma grande nação democrática. As nações estão simplesmente a um passo além da capacidade do *self* individual para ser um participante genuíno neste processo grupal?

Talvez a Revolução americana tenha parecido promissora porque os Pais Fundadores se mantinham como figuras transicionais entre a formação do governo nacional e suas funções ao longo das décadas que se seguiram à constituição. Os primeiros cinco

presidentes (Washington, John Adams, Jefferson, Madison e Monroe) estiveram envolvidos nas convenções constitucionais que formaram o governo. Ocuparam o executivo desde 1789 até 1825: um período crucial de trinta e seis anos em que, através da governança, implementaram sua teoria do governar. A geração seguinte de presidentes – outro período de trinta e seis anos – envolveu nada menos que dez presidentes. Era uma nova geração, e particularmente destacada do elo de custódia que ligava o conceito de país (a constituição) e a governança. E com a guerra civil, os Estados Unidos não apenas atuaram divisões profundas, mas também serviram como monumento aos perigos de tentar aplicar a democracia àqueles que não deram muita bola a ela.

De fato, a guerra civil expressou muitas coisas, mas não teria sinalizado também à população o fato de que o povo não poderia sustentar o pensamento consciencioso em um grupo tão grande? Em 1774, a população era de 2,5 milhões. Em 1861, era de 31 milhões.

As figuras em governos democraticamente eleitos supostamente deveriam ser *elos* entre indivíduos e a nação ou o corpo político, mas como poderiam ser, se os constituintes somam dezenas de milhares? Ou, no caso da União Europeia, será que as nações consideram que os Membros do Parlamento Europeu os representam?

Eu uso o termo “elos” tanto no sentido comum – neste caso, o de conectar as pessoas com seus governos – e no sentido que Wilfred Bion usa para se referir à conexão psíquica. Os Pais Fundadores criaram um elo entre suas teorias de governo e a prática, e ao fazê-lo perceberam preconceções sobre o governo que poderiam ser posteriormente conceitualizadas. Isso poderia levar à mudança constitucional ou a atos de Congresso, mas notavelmente, muitas

dessas pessoas estavam psicologicamente conectadas com suas obrigações e tarefas.

Todavia, ao diminuírem a responsabilidade ética de seus governos nacionais (a desregulação, por exemplo) – incluindo a marginalização sustentada das Nações Unidas, do Tribunal Penal Internacional e outras organizações –, os políticos, ao invés de facilitarem um envolvimento maior dos cidadãos nesses grupos mais amplos, removeram cada vez mais as instituições dos Estados-nação e das Nações Unidas das populações.

Com efeito, os líderes abandonaram a responsabilidade de garantir a presença representativa nesses grupos cada vez maiores. Ao fazê-lo, eles involuntariamente minguaram nossa compreensão de como esses grupos funcionavam e excluíram o envolvimento dos cidadãos nessas entidades mais amplas.

Parte do problema que enfrentamos no mundo moderno é a possibilidade de que o Estado-nação seja um grupo grande demais para o *self* consciencioso, sendo assim mais adequado ao nosso lado sociopata. Esses grupos grandes não são apenas atraentes à sociopatia, mas devem também precisar de nossas habilidades de alucinar negativamente nossos crimes para mobilizar o Estado moderno.

Se for assim, então esta é uma crise psicológica profunda. Culpar as forças econômicas, ou a corrupção, ou qualquer outra coisa pelo declínio da democracia erra o alvo. Em grupos pequenos ou médios, isso pode funcionar. Na sociedade de massas, a democracia será ocupada por sociopatas, a não ser que responsabilizemos as pessoas por suas ações no plano nacional ou internacional.

De fato, as portas giratórias da política – como aquela do CEO no mundo corporativo – significa que os sociopatas que causaram estragos em uma nação vêm e vão – através da eleição ou

simplesmente da renúncia –, sem precisar serem responsabilizados por suas ações.

O que nos deixa presos no vácuo sociopático é a falta de responsabilização de líderes de grandes grupos por suas ações: um vácuo que suga a vida ética para fora de nossos *selves* enquanto nos torna profundamente arraigados em crimes conhecidos no plano nacional e internacional.

Este ensaio dirigiu o foco à convergência perturbadora entre processos psicóticos e a sociopatia que estão, agora, colocando grandes países e as relações entre eles em perigo. Isso deve ser uma questão de revisão judicial, mas meu argumento está baseado no fato de que esses processos também são temas de saúde mental e que devemos considerar como reformar nossas democracias para preservar a necessidade da liberdade de pensamento e de expressão. Um movimento de protesto de rua não irá, a meu ver, gerar um apoio suficientemente sustentado para que as reformas aconteçam. Ao contrário, deve haver uma discussão pública profunda acerca de algumas transformações-chave.

Devemos discutir e abordar as psicopatologias dos grandes grupos.

Por exemplo, quando funcionários públicos conscientemente mentem ao povo, podemos encarar isso como a política de sempre, ou algo que se passa dentro das margens da prática de se adequar a verdade para caber dentro dos interesses de alguns, e por aí vai. No entanto, devemos ser capazes de distinguir esse tipo de formação falsa de algo diferente, a mentira serial, quando uma pessoa sabidamente produz informações falsas para impedir que o público perceba a verdade.

A razão para a responsabilização aqui proposta não jaz em solo ético (mesmo que isso possa ser defendido por alguém), mas no

solo da saúde mental. Lutar contra a mentira serial que desabilita uma população de perceber, avaliar e julgar a realidade é uma questão de saúde mental! Sem padrões de responsabilização não podemos nem pensar em navegar nos desafios psicológicos, sociológicos e políticos do futuro. Conforme argumentei, porém, não podemos esperar que isso seja feito se nos mantivermos no interior de uma compreensão psicológica do comportamento grupal. Já passou do tempo para que as nações democráticas se voltem à teoria e à ciência política, para que incluam pessoas com habilidades em relações grupais que auxiliarão os grupos a identificar, entender e resolver processos de pensamentos psicóticos e sociopáticos. A tarefa seria libertar o grupo para chegar a soluções mais ponderadas e sãs.

Para ecoar o maior psicólogo político do século XX – Erich Fromm –, chegou a hora de renovarmos a busca por uma sociedade sã.

14 de agosto de 2020

C. B.

Traduzido do inglês por Lucas Charafeddine Bulamah



Psicanálise e vida covidiana oferece aos leitores uma oportunidade de refletir sobre as transformações suscitadas pela pandemia da Covid-19 na prática analítica. O impacto traumático provocado pelo distanciamento social e pelas mudanças impostas ao enquadre (sessões on-line), e a subversão da nossa negação habitual da morte são alguns dos temas explorados neste livro. Como entender e tratar os sofrimentos individuais e coletivos que estamos atravessando? Dos freudianos aos lacanianos, dos ferenczianos aos bionianos, passando pelos kleinianos, os autores aqui reunidos apresentam algumas das ferramentas oferecidas pela psicanálise para enfrentar os desafios que as convulsões psicossociais do século XXI parecem nos reservar.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-305-9

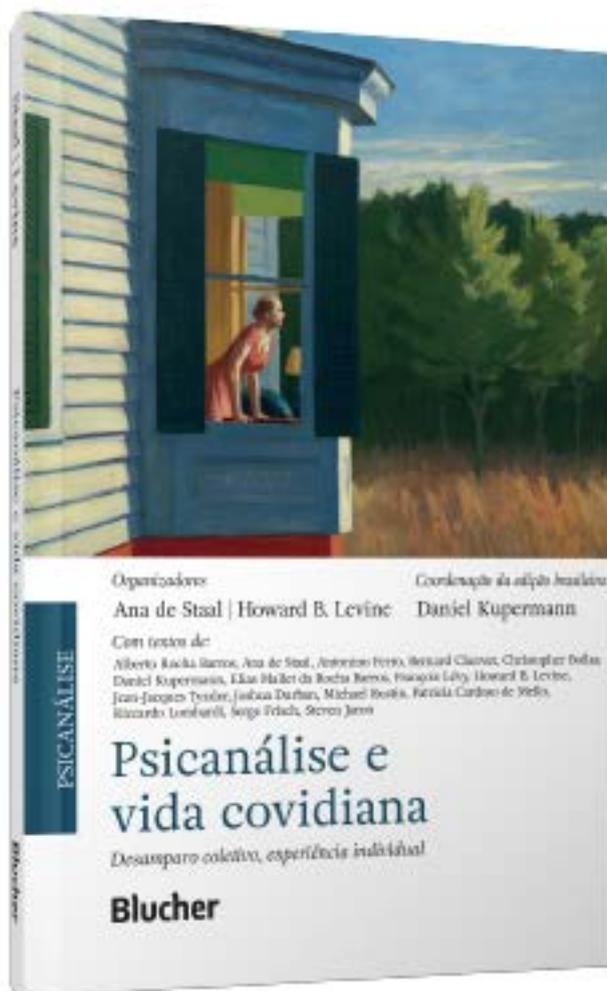


9 786555 063059



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Psicanálise e Vida Cotidiana

Desamparo coletivo, experiência individual

Ana de Staal, Howard B. Levine, Daniel Kupermann

ISBN: 9786555063059

Páginas: 394

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021
